Late

Late, late, late,
aprisionado no canil,
machucado pelo chão de brita,
olhando triste por entre as grades.
Late, late, late,
a cadela está no cio,
o cheiro verde de grama fresca,
a sombra da palmeira,
mas o desejo precisa sumir.
Late, late, late,
a ração não tem sabor
quando se come para sobreviver.
E o viver?
Quando deixará de nos proscrever?
Late, late, late,
as costelas não suportam
os pulmões inflamados,
o abdômen cansado
de chorar entre a solidão.
Late, late, late,
a focinheira abafa a cara,
as pregas vocais estão irritadas,
mas não impedem o grito:
longo, interno e rouco.
Late, late, late,
sem parar,
noite e dia,
passa a vida a latir,
pois a morte é a consequência.
Late, late, late,
quando posso te encontrar?
Pisar fora do quintal,
marcar o meu território,
em liberdade legal,
e poder cantar pra ti
o meu ensaiado latir?
Late, late, late.

-Manoela Cristina Werle.